



A PROGRAMAÇÃO NEUROLINGUÍSTICA APLICADA COMO MECANISMO PEDAGÓGICO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Andreza A.M de Oliveira ¹

Gisele Reinaldo da Silva ²

RESUMO

Este artigo propõe-se a abordar alguns conceitos e técnicas elementares presentes nas ações da Programação Neurolinguística (PNL) quando aplicadas em sala de aula, com o objetivo de compreender como essas técnicas podem facilitar o ensino e aprendizagem dos alunos na Educação Básica na medida em que se analisa como a nossa mente processa o que pensamos, especialmente pela utilização da linguagem. Trata-se de uma breve análise conceitual, na qual apresentamos alguns aspectos teóricos da temática com base nas proposições teórico-críticas de autores especialistas nas contribuições da PNL, as quais, neste estudo, estarão sendo enfocadas em sua relevância para o contexto educacional. Desta forma, este ensaio pretende apresentar a importância da temática na prática pedagógica cotidiana em sala de aula, tendo em vista que direciona a reflexão permanente dos docentes sobre os pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, dando enfoque na necessidade da compreensão desse processo neurológico que ocorre em cada indivíduo, o qual afeta diretamente sua relação social e afetiva em sociedade. Destaca-se, ainda, por contribuir para uma aprendizagem mais significativa, pela qual os alunos possam vir a descobrir, por meio do seu sistema de representações, maneiras inaugurais de adquirir conhecimento, ressignificando assim determinadas crenças limitantes que bloqueiam a mente de adquirir novos valores.

PALAVRAS-CHAVE: Programação Neurolinguística. Ensino e aprendizagem. Educação

1 Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Carioca – UniCarioca, cuja pesquisa de iniciação científica e trabalho de conclusão de curso originou a produção deste artigo científico. E-mail: andreza_alves.m@hotmail.com

2 Doutora e Mestra em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Está cursando o segundo doutorado em Ciência da Literatura na mesma instituição. Pedagoga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e licenciada em Letras Português-Espanhol pela UFRJ. Especialista em Literatura Brasileira pela UERJ. Docente de língua portuguesa em todos os cursos de graduação do Centro Universitário UniCarioca e de Pedagogia. Orientou a pesquisa culminante na produção deste artigo científico. E-mail: giselere@gmail.com



Básica.

O processo neurológico estabelecido entre a linguagem e a mente afeta diretamente na produção de um comportamento afetivo ou não, sendo este capaz de interferir na aprendizagem tanto em contexto escolar quanto em outros nichos de convivência social do cidadão. O presente artigo tem por finalidade apresentar o modo com o qual a Programação Neurolinguística (PNL) pode contribuir na atuação reflexiva do professor em espaço escolar, através da análise teórico-crítica de conceitos e técnicas da PNL, especialmente em suas contribuições ao contexto pedagógico, tais como: modelagem, metáforas, *rapport*³, crenças, círculo de excelência, sistema representacional, filtros de comunicação.

O que seria a Programação Neurolinguística? Trata-se de um modelo de comunicação que estuda uma variedade de esquemas estabelecidos na mente humana, com base em estímulos captados e transmitidos pelo meio ambiente em que o homem vive. A partir deste conceito, tem sido observado que as técnicas da PNL podem colaborar na aprendizagem do aluno na medida em que o educador consegue compreender e desenvolver habilidades novas de comunicação em sala de aula com base nos sistemas representacionais (auditivo, visual, sinestésico, olfativo, gustativo) de cada aluno.

Partiremos, assim, de uma apresentação da Programação Neurolinguística em seu histórico e caracterização para aprofundar, em seguida, nas técnicas da PNL aplicadas como mecanismo pedagógico por docentes em ambiente escolar em prol da aprendizagem significativa.

Programação Neurolinguística em sua caracterização e histórico

Segundo Benedito José Calixto (2005), a Programação Neurolinguística surge em 1970, criada por dois americanos, sendo um linguista, John Grinder, e um estatístico, Richard Bandler.

³ Retomaremos o conceito de *rapport* adiante, mas para fins de esclarecimento conceitual, trata-se da capacidade humana de estabelecer confiança e respeito mútuo, através da empatia. Ao buscarmos nos identificar com outra pessoa sob o prisma do modelo de mundo dela, praticamos *rapport*. Cf. MANCILHA (2010).



Percebe-se, assim, que essa teoria se origina por meio de um pesquisador da área de exatas, como se pode observar no relato a seguir:

Richard Bandler veio de um gueto pobre da cidade de San José, judeu de origem miserável. [...] extremamente curioso, resolveu a muito custo pessoal estudar algo que o fascinava: a matemática. Ele queria conhecer as regras que regiam aqueles números e equações. Mais adiante ele tornou-se perito em informática. Com isso pensava em aumentar sua capacidade de compreender e usar os padrões por trás dos números. Logo começou a pensar de um modo diferente. Ele dizia que se a matemática é uma linguagem que se expressa através de fórmulas numéricas e que obedece a algumas regras, estas quando mexidas produzem resultados interessantes. Talvez, pensou Bandler, a linguagem das palavras pudesse obedecer também a certas regras precisas que se mexidas poderiam acarretar também em mudanças no comportamento humano, para Bandler, um simples resultado do fenômeno linguístico do nosso cérebro. Dito e feito, ele aplicou certas regras, mexeu com o modo como usava algumas palavras e obteve resultados surpreendentes. Mais e mais estudantes queriam conhecer a ‘nova terapia’ que um tal de Bandler fazia usando aparentemente apenas sua comunicação verbal. (SPRITZER, 1993, p.30-31 apud PASSOS, 2016, p. 95)

Desde então a Programação Neurolinguística vem sendo cada vez mais pesquisada e utilizada em diversas áreas, a fim de alcançar resultados eficazes no que diz respeito a metas pessoais e profissionais. Calixto (2005) defende que a PNL é uma programação porque mostra como se organizam nossas ações para alcançarmos um objetivo. Trata-se de um modelo de comunicação que estuda diversos esquemas estabelecidos na mente humana, com base em estímulos captados e transmitidos pelo meio ambiente em que vive o homem. É neurológica, pois se conecta com a mente e com o modo como pensamos. É linguística, por consistir especialmente na utilização da linguagem e em como ela influencia o processo de comunicação. Logo, a PNL é quando se logra modificar o que o indivíduo sente, trocando os estados físicos, mentais ou sentimentais mediante a comunicação e a expressão.

Andreas e Faulkner (1995) nos fundamentam que a PNL averigua a excelência das relações humanas por meio de uma estrutura preparada para modelar a forma como os indivíduos se comunicam, compreendendo que tais comunicações são qualificadas para sensibilizar as nossas emoções, e por consequência, os nossos desempenhos. Refere-se ao modo de entender como a mente consciente humana trabalha e também como a linguagem mental pode ser aplicada para a conquista de boas realizações, considerando que a pessoa apresenta um programa mental que o motiva para o sucesso.



Esta pesquisa parte da premissa de que, ao analisarmos a Programação Neurolinguística, conseguimos cultivar um olhar docente mais reflexivo em relação ao aluno, identificando onde está a dificuldade dele por meio dos níveis neurológicos que englobam o ambiente, comportamento, capacidades, crenças e valores, identidade, assim como o espiritual que cada indivíduo carrega em sua bagagem de experiências desde o nascimento.

Quando a criança nasce, o cérebro não tem mapeamento algum. É semelhante a uma folha de papel branca, que se retira da embalagem sem marcas ou dobras. Não obstante, por meio dos mecanismos receptivos, o cérebro capta do meio ambiente diversos estímulos, os quais vão sendo impressos nele ao longo de reações físico-químico-elétricas denominadas sinapses, ou seja, conexões processadas nos neurônios. Numa sequência de reações, esses estímulos vão personalizando o nosso cérebro, constituindo os mapas mentais, transformando-se naquilo que chamamos de “Sistema de Crenças e Valores”.

Como afirma Calixto (2005), nós somos o produto desse sistema. Se tivermos acesso a experiências significativamente lúdicas, se tivermos um prazeroso ambiente de criação, educação e crescimento, esses produtos linguísticos e neurológicos serão de boa qualidade. Porém, em caso de que haja má qualidade nessas marcas, estas se refletirão igualmente em nossa vida.

Nesse sentido, para facilitar a abordagem de múltiplos conhecimentos e conteúdos em sala de aula, o educador pode ajudar aos alunos a identificarem o canal representacional em que estes apresentem mais facilidade em aprender, ou até mesmo abordar o assunto em questão utilizando-se das tecnologias da informação e comunicação com materiais audiovisuais (vídeos, músicas), atividades de experimentações, contemplando, assim, todo o Sistema Representacional do sujeito.

Observemos a seguinte imagem:

Figura 1 - Movimento provável dos olhos



Fonte: Sena (2016). Disponível em: <http://testemmmteste.blogspot.com/2016/04/voce-identifica-mentira-pelo-movimento.html>

No Sistema Representacional, a captação dos estímulos do meio ambiente ocorre por meio de três canais condutores: auditivo, visual e sinestésico. Os outros sentidos são: olfato, tato, paladar e sensações do próprio corpo, além de outros sentidos que estão ainda nos primórdios do saber humano.

O canal visual constitui a compreensão mais bem sucedida por parte do indivíduo quando visualiza uma ilustração ou um objeto e cria, a partir daí, uma imagem em sua mente. Quando o movimento dos olhos do interlocutor for para cima, para esquerda ou para direita, isso mostra que o seu canal preferido de entrada é o visual, tal como ilustrado na imagem acima.

Da mesma forma, quando o interlocutor movimenta os olhos horizontalmente, demonstra que o seu canal preferido é o auditivo e o seu mundo é desenvolvido através dos sons. Seja qual for o ruído, já desconcentra o indivíduo auditivo. Quando lê, tem que ler em voz alta para entender o texto, ou então, não fala em voz alta, mas lê como se estivesse ouvindo a si mesmo, para conseguir se concentrar no texto.

Os indivíduos compreendem melhor quando a mensagem acontece na modalidade da sua representação. Devem, assim, usar elementos e palavras que tenham essa semiótica-sons. Com base nisso, o docente pode contar histórias, utilizar a conversa e o diálogo como recursos, destacar tópicos que ilustrem o modo sonoro daquilo que lhes estiver mostrando, sempre que o canal de comunicação adequado for o auditivo.

Já no canal sinestésico, se o movimento dos olhos for um só para baixo e para a direita, expressa que a pessoa é sinestésica, ou seja, procura seu próprio quadro de sentimentos e sensações de interpretação do mundo. As entradas às mentes dessas pessoas ocorrem pelo tato, olfato, paladar e através da própria experimentação de sensações e sentimentos.



Para comunicar-se com esse grupo de pessoas, é necessário usar formas que envolvam aspectos de tocar, cheirar, sentir e degustar. Para compreender, elas vão pegar no objeto e, se for o caso, cheirá-lo. Seu procedimento mental é sentir, através do sinestésico, as sensações marcadas em seu cérebro.

Técnicas da Programação Neurolinguística em prol da aprendizagem significativa

Eliana Apolinário (2014) esclarece que na PNL existem pressupostos que são os princípios norteadores centrais, ou seja, sua filosofia e crenças. Esses princípios não são verdades absolutas e, em geral, formam um grupo de princípios éticos para a vida. Essas pressuposições são transmitidas através dos nossos comportamentos.

O docente na sala de aula se comunica com os alunos por meio de frases, gestos, tom de voz, expressão facial, postura e contato visual. Essa comunicação de pressuposições constrói um grupo e determina como somos compreendidos pelos indivíduos com os quais nos relacionamos..

Todas as realizações da raça humana, positivas ou negativas, envolveram o uso da linguagem. Nós como seres humanos usamos a linguagem de dois modos. Usamo-la, antes de tudo, para representar nossa experiência — chamamos essa atividade de raciocínio, pensamento, fantasia e narrativa. Quando estamos usando a linguagem como um sistema representativo, estamos criando um modelo da nossa experiência. Este modelo de mundo que criamos pelo nosso uso representativo da linguagem está baseado sobre nossas percepções do mundo. [...] Em segundo lugar, usamos a linguagem para comunicar a outros nosso modelo ou representação do mundo. [...] Quando estamos usando a linguagem para comunicação, estamos apresentando nosso modelo a outros. (BANDLER, GRINDER, 1997, p.42-43 apud AZEVEDO, 2006, p.46)

Dentre os variados pressupostos da PNL, destacaremos apenas alguns mais úteis para o contexto educacional:

1) “Já temos todos os recursos de que necessitamos ou então podemos criá-los”

É de responsabilidade fundamental do docente conhecer e confiar na sua própria capacidade, pois se estiver imbuído de estados mentais negativos sobre si, raramente provocará



o potencial criativo do aluno. Andreas e Faulkner (1995) elucidam que esses recursos são os nossos sentimentos, emoções, as imagens mentais, entre outros; desse modo, somos capazes de usá-los para criar qualquer pensamento que pretendemos ter. Dias e Passos (2008) admitem que qualquer experiência, comportamento, resultado, ou resposta podem ser utilizados como recurso emocional, visto que, todas as vivências do ser humano são possíveis mecanismos de mudanças se forem pontuadas e contextualizadas, para atingir um objetivo específico. Ex: Curar fobias, sentimentos indesejáveis, ajudar crianças e adultos com dificuldades de aprendizagem. Entretanto, também podem se transformar em uma limitação, caso os estados emocionais não sejam trabalhados.

2) “O mapa não é o território”

Cada indivíduo tem um mapa que o norteia no mundo. Esse mapa é constituído de todas as experiências, conhecimento e crenças. Quando o educador conhece o seu próprio mapa, pode colaborar para o educando expandir o dele, modificando as crenças limitantes registradas na memória, possibilitando assim uma liberdade de ação para as novas experiências. Dias e Passos (2008) defendem que essa afirmação é uma metáfora para induzir que cada pessoa tem o seu modelo de realidade, ou seja, quer dizer que as pessoas não retratam um contato diretamente com a realidade, senão cada um constrói um olhar de perspectiva distinta de acordo com suas experiências vividas. Andreas e Faulkner (1995) acrescentam que, por essa razão, reagimos através dos nossos “mapas”, e não pela realidade em si mesma.

3) “Todo comportamento possui intenção positiva”

Esse pressuposto considera o fato de que até mesmo comportamentos lesivos podem ter uma intenção positiva. Andreas e Faulkner (1995) exemplificam ações como: gritar para ser notado, ou agredir verbalmente para se proteger.

4) “Pessoas flexíveis têm maior probabilidade de alcançar o que querem”



O professor flexível é capaz de reconhecer que existem mundos diferentes, busca mudar sempre, de modo que possa ser canal constante de conhecimento para o seu aluno.

5) “O significado da sua comunicação é a reação que você obtém”

Refere-se ao feedback, isto é, retrata a relevância de ver como a nossa comunicação é acolhida pelo outro comunicante para nos possibilitar modificar o que for necessário e torná-la mais clara e eficaz.

6) “Se uma pessoa pode fazer algo, todos podem fazer também”

Esse pressuposto é esclarecido por Dias e Passos (2008) quando percebem que é possível assimilar qualquer conceito, caso o objeto a ser compreendido seja explicado de maneira correta, sendo um amplo impedimento ao ser humano suas crenças limitantes. Andreas e Faulkner (1995) fundamentam por meio do emocional as limitações que o sujeito se impõe, e indicam que se tudo é provável de alcançar, caso haja alguma barreira ambiental ou física, esta será exibida com naturalidade.

Segundo Fábio Kasper (2014), a Programação Neurolinguística torna-se uma das mais poderosas ferramentas para se atingir mudanças fundamentais na vida pessoal com enfoque nas relações em sociedade. Mudança representa a alteração de um estado ou situação para o outro, e para isso ocorrer é preciso saber o objetivo pretendido. Em PNL, menciona-se o estado atual, aquele em que a pessoa vive, e o estado desejado, aquele que se deseja alcançar. Como Kasper (2014) ressalta, uma das pressuposições da PNL é de que os indivíduos já contêm todos os recursos e capacidades de que necessitam ou ainda podem criá-los. Logo, não existem pessoas carentes de recursos, existem estados carentes de recursos. Para motivar uma pessoa não obrigatoriamente se tem que estar motivado, porém, se deve estar em um estado rico de recursos.



Quando se está em um estado de confiança, pode-se incitar a motivação essencial nos discentes. Em contrapartida, como lograr confiança rapidamente? Uma das técnicas disponíveis para acessar esses estados é o círculo de excelência. Nele, é possível aproveitar as suas qualidades positivas e transformá-las em realidade na sua experiência do cotidiano. Exemplo: O professor percebe que está carente de autoconfiança para falar em público na reunião de pais e, com essa ferramenta, é possível obter recursos ou sensações positivas de confiança, originadas no passado e voltar a experimentá-las. Observemos as etapas a seguir deste processo:

Etapas:

I. O indivíduo deve pensar em um definido estado que deseja experimentar. Neste instante, reviver esse estado da forma mais intensa que puder, ouvindo o que ouviu, sentindo o que sentiu, vendo o que se viu.

II. No momento em que esses estados estiverem se apoderado de si, há que se imaginar um círculo no chão em volta dos pés. Em seguida, é preciso definir uma cor para representar esse círculo. Caso se queira pôr algum som nele, deve-se ficar à vontade. A imaginação será responsável por deixar esse círculo o mais intenso e poderoso para si.

III. No ápice dessas sensações, deve-se sair do círculo, deixando ali todas essas maravilhosas sensações que está experimentando. Quebrando-se o estado, imagina-se, por exemplo, em uma experiência que tenha gerado o estado de felicidade extrema. Há que se repetir os passos de 1 a 3 pelo menos cinco vezes. Depois, se volta para o círculo e se observa se as sensações aparecem naturalmente. Caso isso não ocorra, repetem-se os passos até aparecerem naturalmente. Para tanto, é recomendável observar as seguintes etapas:

1- Neste momento deve-se pensar em um gatilho para que essas sensações sejam ativadas. Um gatilho é qualquer coisa no futuro que se ouvirá ou verá antes de precisar desse estado rico de recursos. Por exemplo, esse gatilho pode ser a porta da sala de aula.

2- Agora é só fazer a junção entre a sensação e o gatilho. Assim que o gatilho estiver bem claro na cabeça do indivíduo, ele deve entrar de novo no círculo e a sensação ancorada naturalmente tomará conta de si.

3- Ponte para o futuro. Neste instante deve-se sair do círculo deixando ali toda a sensação de bem-estar que o estado pretendido proporciona, quebrando-se o estado. Deve-se



pensar nesse futuro evento e, então, o sujeito observará que todas as sensações do estado almejado automaticamente irão aparecer.

Na visão de Kasper (2014), essa técnica pode ser usada em qualquer contexto em que não se está conseguindo acessar os recursos desejados. Trata-se de reprogramar completamente a resposta automática da mente do sujeito, preparando-a para determinada ocasião. Se, por exemplo, está habituado a ficar nervoso nas reuniões com o diretor da escola, pode-se fazer o círculo de excelência e vincular outros estados para esse contexto, redefinindo, assim, o modo como se sentirá nas mais diversas situações.

Outra técnica que pode ser bastante utilizada na área de educação é a técnica da modelagem humana. Segundo Kasper (2014), um dos pressupostos da PNL é de que se uma única pessoa consegue executar alguma tarefa, é possível modelá-la e ensiná-la a outros indivíduos. Se sua missão é ensinar, implica em trocar conhecimento e experiências com os alunos, possibilitando assim que eles alcancem os objetivos que eles desejarem e vivam seus sonhos profissionais e pessoais. Quem modelar então? Piaget, Paulo Freire ou qualquer outro profissional que possua as características que o sujeito deseja ter. O processo de modelagem acontece em três etapas:

A primeira etapa compõe-se em juntar um grande número de informações acerca do modelo, ou seja, a pessoa em que você deseja espelhar-se. Por meio de observação, se pode modelar o comportamento e a fisiologia. Entretanto, para atingir o estado emocional devem-se fazer perguntas ao modelo, principalmente, quando se estiver vivenciando o estado almejado. Logo, o sujeito conseguirá agrupar informações mais concretas das estratégias de pensamento interno e dos valores e crenças que constituem essa habilidade específica que pode ser o método de ensino; linha filosófica de educação; estados emocionais gerados através do estilo de aprendizagem; relacionamento harmônico entre professor e aluno.

A segunda etapa equivale a filtrar os elementos citados acima adquiridos do modelo. O indivíduo vai retirando um a um os elementos e verificando se mesmo na falta deles os resultados da modelagem continuam a existir. A última etapa constitui em ensinar outras



peessoas a utilizarem as estratégias obtidas. Todas as informações obtidas são essências, porém se fosse preciso escolher apenas uma, deve-se optar pelas crenças. Quer-se dizer, é preciso descobrir as crenças dos indivíduos que se almeja modelar, e para tanto, há que se levantar questionamentos, tais como: O que isto significa para você? Por que você faz o que faz? Há que se descobrir as crenças do seu modelo e entrar em prática.

Outra ferramenta que pode ser utilizada facilmente em sala de aula com o objetivo de facilitar o diálogo entre o professor e aluno é o *rapport*. De acordo com Karper (2014), *rapport* é a capacidade de adentrar no mundo de alguém e conseguir senti-lo. Se o indivíduo observar pessoas que são íntimas, numa relação afetuosa há bastante tempo, e que passam horas juntas, se perceberá que elas possuem comportamentos similares de preferência quando estão uma na presença da outra. Isso ocorre devido a existir uma harmonia entre elas. Os indivíduos são bem mais receptivos a quem confiam. Por isso, uma vez que o *rapport* estabelece de maneira automática uma sensação de confiança nas pessoas, constitui uma estratégia poderosa para ser usada no âmbito da educação.

Se o docente deseja direcionar seus alunos a alcançarem os próprios objetivos, primeiramente, deverá estar em sintonia com eles. Individualmente, uma das formas mais eficientes de entrar em *rapport* seria imitar a outra pessoa de forma elegante através da postura corporal, as emoções, tom de voz, a forma como se comporta.

Entretanto, em sala de aula, não há como espelhar em todos os alunos, logo o contexto de confiança deverá ser formado através do compartilhamento de expectativas dos alunos em paralelo aos objetivos docentes em relação à disciplina. Depois de estabelecida a confiança inicial, os alunos irão prestar atenção ao professor e esse é o objetivo, que eles confiem no educador e, assim, será possível mediar sua aprendizagem para que esta seja significativa.

A quarta técnica que pode ser abordada na área de educação é chamada metáfora. Refere-se a qualquer história, parábola, piada que obtenha alguma ligação com a mensagem que se quer disseminar. As metáforas são mágicas, pois não deixam que o cérebro racionalize a informação, haja vista que no mundo das metáforas tudo é possível. O docente deve desenvolver a habilidade de criá-la, só basta saber o estado em que o grupo discente está e o estado pretendido, mudar todo o contexto e fazer a interligação entre os dois estados.



A metáfora é dirigida pelo subconsciente, portanto, não se deve explicá-la. Se o indivíduo não compreender conscientemente a mensagem e começar a concentrar-se em outro assunto, mesmo assim a mente inconsciente vai continuar trabalhando sobre a metáfora, retirando seus significados (valores).

De acordo com Ana Cristina de Souza (2014), as crenças são pressuposições que encorajam nossos alunos a buscarem seus melhores resultados na aprendizagem. Às vezes, quando um aluno age de modo inadequado, não quer dizer que as suas intenções são antiéticas. Ele pode precisar de um modo mais inovador ou diferente para realizar a atividade.

Assim que o educando procura por uma intenção positiva oculta pelo seu comportamento inadequado e o docente auxilia esse aluno a descobrir melhores formas de corresponder à intenção positiva, tornando-se então aliado do educando, o aluno não terá argumentos de defensiva e será capaz de deixar de lado qualquer comportamento não saudável. Frequentemente, quando o educador acusar o discente por não estudar o suficiente para a avaliação, ou de não estar motivado, de ser rebelde, preguiçoso ou desinteressado, ocorre a rotulação daquele indivíduo como incapaz de aprender. Com o passar do tempo, essa consequência se torna insuportável, e o educando começa a acreditar nesses rótulos que prejudicam sua autoestima de maneira destrutiva. Algumas vezes o aluno apenas não sabe como aprender.

Não obstante, muitas das crenças limitantes provocam traumas emocionais aos alunos e comprometem a sua autoestima de modo negativo. Eles levam essa baixa autoestima até a vida adulta, provocando outros problemas para a sociedade. O professor precisa, então, investir em crenças fortalecedoras para ressignificar a importância da aprendizagem e da relação harmônica que deve existir entre o discente e o educador. É crucial que o pedagogo use da motivação, ou seja, da vontade intensa ou sentimento que cada pessoa possui e fazer com que aja para alcançar suas metas, conquistando o que desejar, dando o melhor de si.

A aprendizagem deve ser motivadora o bastante para provocar e assegurar o interesse do aluno naquilo que se propõe a aprender. É necessário gerar atenção e foco, mas isso exige talento e criatividade do educador na criação das atividades que planeje executar.



Há, ainda, que se ofertar atenção especial à comunicação. Ela é elaborada em uma via de mão dupla, pela qual o comunicador tem grande responsabilidade pelo resultado da comunicação e entendimento da mensagem. Por isso, é essencial certificar-se de que o que está sendo dito está sendo compreendido pelo interlocutor, no caso, o discente. É indispensável perguntar e pedir o feedback da mensagem, com questionamentos como: “O que você entendeu do que eu falei?”. Como consequência, ao se perceber uma incompreensão, faz-se importante explicar novamente ao aluno, exemplificando ou abordando o tema de outra maneira, lançando mão de novos recursos ou técnicas.

Desse modo, ao assumirmos a postura de educadores comprometidos com os educandos, é possível verificar quais são os seus verdadeiros potenciais e limitações e, sobretudo, percebermos como poderemos ajudá-los, criando estratégias eficientes para o bom desempenho em ambiente escolar.

É válido lembrar que, conforme aponta Roges Dias e Jair Passos (2008), uma grande parte dos educadores expressa uma preocupação com relação às dificuldades de conduzir e lidar com um atual perfil de adolescentes e jovens num mundo em que as tecnologias digitais por si mesmas estão consumindo a atenção e o foco deles. Nesse sentido, se faz essencial contar com uma fundamental ferramenta para o desenvolvimento dessa singular missão de educar, tal como estamos apresentando neste estudo: a PNL.

Observemos a imagem a seguir:

Figura 2 - Níveis Neurológicos



Fonte: Aldo (2017). Disponível em: <http://www.otimomesmo.com.br/?s=niveis+neurologicos>

Dias e Passos (2008), ao integrarem os estudos que defendem a existência de níveis neurológicos de aprendizagem, tratam da estrutura psicológica do indivíduo, constituída por um sistema superior, valores e crenças, identidade, capacidades, comportamento e ambiente. O sistema superior é o que denominamos de nível espiritual, que corresponde à família, os amigos, à comunidade, grupo de trabalho, cidadãos em um contexto político. Já a identidade seria o papel representado pelo sujeito, sua missão, propósito de vida e o próprio sentimento de si, ou seja, contém o que somos. Sobre as crenças e valores, eles representam claramente a motivação do ser humano e o acesso para afetar as razões, os pretextos que levam o educando a fazer o que faz.

O nível de capacidades nos indica e norteia a condução das atitudes durante um plano ou estratégia. Refere-se à construção de mapas, habilidades ou estratégias e técnicas que, mediante a estas, as ações são propriamente atribuídas e operacionalizadas pelo aluno. Desse modo, é necessário ficar alerta às palavras dos alunos. Por exemplo: “*Eu não sei como aprender*”; essa é uma indicação clara de fala para se trabalhar o nível de capacidade. A partir daí, o professor, identificando onde o aluno possui dificuldades (nesse caso, no nível de capacidades), propõe estratégias nas quais “o educando seja líder em sala” e ajude na condução das atividades, como por exemplo, propondo para que ele explique a matéria e, por extensão, o conteúdo em questão a seus amigos de grupo, etc.



Segundo Jair Passos (2016), a internet e o computador se tornaram fundamentais na vivência da sala de aula. Essas tecnologias, que dão base à ação pedagógica de muitos docentes contemporâneos, podem transformar a imagem e a atuação do professor tradicional na de um “comunicador”, frequentemente sem a didática indispensável para o desenvolvimento da ação pedagógica.

Vale ressaltar que, mesmo com a evolução tecnológica, o professor continua enfrentando problemas primários dentro da sala de aula. Realidades como a falta de motivação, aulas mal formatadas, dificuldades de se expressar na relação professor e aluno, posturas arrogantes e inflexíveis, mal entendidos, em síntese, diversos problemas referentes à comunicação humana são recorrentes no dia a dia da sala de aula.

Em conjunto com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC’s), devemos procurar uma tecnologia de comunicação humanizadora, isto é, que favoreça a integração, a relação e a humanização do docente e do educando em sala de aula, cultivando valores primordiais de responsabilidade, criticidade, colaboração, respeito, estímulo, motivação e comunicação eficiente.

No entanto, continuam frequentes os equívocos na prática pedagógica de sala de aula, principalmente quando envolvem a compreensão das relações sociais. Não sabemos ainda nos comunicar de forma adequada, logo, tornamos uma aula que poderia ser significativa e lúdica em irrelevante e tediosa. Persistimos que a questão é a comunicação, uma vez que, comumente, não conseguimos construir uma fala ou aula adequada ao público, de maneira a tornar o conteúdo encantador, por sua abordagem e relevância. Neste contexto, somos partidários da utilização da Programação Neurolinguística como um meio de integração com as novas tecnologias na educação a fim de auxiliar o docente em seu papel mediador dentro do contexto de ensino e aprendizagem contemporâneo.

Com este ensaio, pode-se perceber que a comunicação é um dos elementos fundamentais para o pedagogo realizar o seu papel de educar os discentes nos seus aspectos cognitivo, social e emocional. Por meio do objeto de estudo apresentado nesse ensaio – a Programação Neurolinguística – nos vem sendo possível compreender as diversas formas de potencializar a aprendizagem escolar, utilizando-se dos principais sistemas representacionais que existem – o



visual, auditivo e sinestésico – em conjunto com as técnicas de *rapport*, pelas quais o professor pode criar uma relação harmônica com os discentes em espaço escolar.

Além destes, com a prática do círculo de excelência, conforme a elucidação exposta acima, o educador pode vir a adquirir uma importante ferramenta na superação de situações que por vezes bloqueiam sua atuação profissional, tais como o de falar em público, por meio de âncoras fortalecedoras. Já com a técnica de metáforas, tal como vimos, o educador aborda conceitos de valores imprescindíveis para um bom convívio em sala de aula.

Concluimos, por conseguinte, que é pertinente o conhecimento dos professores a respeito da PNL a fim de construir práticas pedagógicas relevantes às demandas educativas contemporâneas, visto que esta estuda como a linguagem interfere diretamente no cérebro do indivíduo, modificando os esquemas mentais de forma positiva ou negativa. Vimos que cada palavra pode causar crenças limitantes, bloqueando assim o potencial do aluno, impedindo-o de progredir na aprendizagem. Em contrapartida, quando o educador utiliza crenças fortalecedoras, motiva os seus alunos a buscarem o seu maior potencial, seja para se expressar publicamente, melhorar o relacionamento social com os pares ou em outras dificuldades que o aluno possa vir a ter, de modo que a troca simbólica entre docente e discente se torne significativa.

Por fim, reiteramos que a PNL é uma eficiente ferramenta de abordagem do professor em sala de aula, potencializando as possibilidades de um ambiente de aprendizagem mais significativa, ao validar e enaltecer o potencial e a individualidade de cada aluno, favorecendo as relações. Prioriza-se, assim, uma comunicação mais assertiva a fim de alcançar estados emocionais positivos e, conseqüentemente, uma aprendizagem transformadora.

REFERÊNCIAS

ALDO, Rigo. **Níveis neurológicos**. 08 julho 2017. 1 fotografia. Disponível em: <http://www.otimomesmo.com.br/?s=niveis+neurologicos> . Acesso em: 05 jul. 2020.



Revista Pedagogia – UFMT

Número 11

Julho 2020

AZEVEDO, Regina Maria. **Programação Neurolinguística: transformação e persuasão no metamodelo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/andre/AppData/Local/Temp/texto%203%20disserta%C3%A7%C3%A3o%20pnl-1.pdf> Acesso em: 05. jul.2020

CALIXTO, Benedito José. Relacionamento interpessoal e a Programação Neurolinguística (PNL). **Revista Expectativa**. Paraná, n.1., 2005, p. 81-96. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/expectativa/article/view/413> Acesso em: 16 mar. 2019.

COMÉRIO, Eliana Apolinário. PNL e a inteligência emocional na sala de aula. *In*: PRADO, A.;SOUZA,A.C;SHEN,C.;VALADARES,C.;FARIAS.C.;EPELMAN,D.;SABBI,D.;GORBING,L.;COMÉRIO,A.E.;KASPER,F.;LIRA,G.;CHAGAS,J.M.;CUKIER,P.;CASSIS,S.;FRANCO,V. (Org). **PNL para professores: profissionais de PNL abordam dicas e estratégias para um aula dinâmica com foco na comunicação eficaz e alta performance do aluno**. 1.ed. São Paulo: Leader, 2014, p.105-118.

DIAS, Roges Ghidini, PASSOS, Jair Sérgio. Contribuições da programação neurolinguística no contexto escolar. **Revista Intersaberes**. Curitiba, n.5, 2008, p.38–46. Disponível em: <https://www.uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/125> Acesso em: 23 fev. 2019.

FREIRE, Ana Luiza de Lorena. SILVA, Maria Lucia Pinho. A contribuição da Programação Neurolinguística para o exercício da docência no ensino universitário. *In*: **Colóquio Internacional de Gestão Universitária 2015**. Argentina: CIGU, 2015, p. 1-14. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/135888/101_00030.pdf?sequenc Acesso em: 06. jul. 2020

GALVÃO, Henrique Martins; CAPUCHO, Hilquias Gabriel; ALVARELI, Luciani Vieira Gomes. Programação Neurolinguística: um diferencial para a formação de gestores. *In*:



Simpósio de Excelência e Gestão em Tecnologia, v. 14, Rio de Janeiro: AEDB, 2017, p.1-15.

Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos17/24125361.pdf> Acesso em: 06. jul. 2020

KASPER, Fábio. Destino: a chave para a motivação. *In*: PRADO, A.; SOUZA, A. C; SHEN,C.;VALADARES,C.;FARIAS.C.;EPELMAN,D.;SABBI,D.;GORBING,L.;COMÉRIO ,A.E.;KASPER,F.;LIRA,G.;CHAGAS,J.M.;CUKIER,P.;CASSIS,S.;FRANCO,V. (Org). **PNL para professores: profissionais de PNL abordam dicas e estratégias para um aula dinâmica com foco na comunicação eficaz e alta performance do aluno**. 1.ed. São Paulo: Leader, 2014, p.121-132.

MANCILHA, Jairo. **Programação Neurolinguística aplicada ao ensino e à aprendizagem**. Rio de Janeiro: Instituto de Neurolinguística Aplicada, 2010.

PASSOS, Jair Sérgio. **Professor mediador e a neurolinguística na sala de aula**. 1.ed. Curitiba: Appris,2016.

SENA, Sergio. **Movimento provável dos olhos**. 26 abril 2016. 1 figura. Disponível em: <http://testemmteste.blogspot.com/2016/04/voce-identifica-mentira-pelo-movimento.html>. Acesso em: 05 jul. 2020.

SOUZA, Ana Cristina. PNL para professores. *In*: PRADO, A.; SOUZA,A.C; SHEN,C.; VALADARES,C.;FARIAS.C.;EPELMAN,D.;SABBI,D.;GORBING,L.;COMÉRIO,A.E.;KASPER,F.;LIRA,G.;CHAGAS,J.M.;CUKIER,P.;CASSIS,S.; FRANCO,V. (Org). **PNL para professores: profissionais de PNL abordam dicas e estratégias para um aula dinâmica com foco na comunicação eficaz e alta performance do aluno**. 1.ed. São Paulo: Leader, 2014, p.39-49.